Teresa Jardim — A Diversidade como fio condutor

Isabel Santa Clara
Universidade da Madeira
Colaboradora do CIERL (Universidade da Madeira) e do ARTIS
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
e-mail: isabelcp@staff.uma.pt

RESUMO

A partir da mostra "Dar a palavra", de Teresa Jardim, inaugurada em 2021, na Galeria Espaçomar, da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, no Funchal, faz-se uma reflexão sobre a diversidade de processos a que recorre a autora, cruzando livremente objectos, palavras e imagens, tenham estas o estatuto de pintura, de desenho ou de fotografia. Tendo como referência anteriores exposições suas, procura-se salientar o idiolecto da autora e o propósito dos recursos processuais e estilísticos com que nos dá a ver/ler as suas interrogações acerca das estratégias do próprio acto criativo.

Palavras-chave: ***pintura; desenho; poesia visual; poema-objecto; instalação.***

ABSTRACT

Teresa Jardim's "Dar a palavra" exhibition, (January 2021, Espaçomar Gallery, Gonçalves Zarco Basic and Secondary School, Funchal) allows us to consider the diversity of processes the author adopts, by freely associating objets, words and images, whether these are materialized as painting, drawing or photograhy. Taking her previous exhibitions as a reference, this article seeks to highlight the author's idiolect and the purpose of her technical and stylistic procedures that allow us to see/read her interrogations about the strategies of the creative act itself.

Keywords: ***painting; drawing; visual poetry; object-poem; installation art.***

Dar a palavra é uma exposição de trabalhos de Teresa Jardim, inaugurada na Galeria Espaçomar, da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, no Funchal, em 27 Janeiro 2021. Ainda que o espaço seja o de uma pequena galeria dentro de uma escola, não deixa de ter o rigor que caracteriza outras intervenções da autora. Aliás, é essa a mais-valia deste espaço expositivo em contexto escolar: proporcionar o contacto directo com as peças e os autores, sem ceder a facilitismos.

Comecemos pela polissemia do título. "*Dar a palavra*" é ceder a palavra a alguém, ou seja, ouvir o outro, como é o compromisso da palavra dada e transporta, ainda, a ideia de dádiva. A autora assume assim a aventurosa tarefa de entrar em diálogo connosco, de estabelecer um pacto e de oferecer-nos o seu trabalho. Daí fazer menção, explicitamente, na folha de sala, à sua "vocação comunicante".

Esta mostra é uma oportunidade de tomar contacto com o percurso de Teresa Jardim, para quem não o conhece, caso da maioria dos alunos da escola que acolhe a galeria, mas também é, para quem o tem acompanhado, uma ocasião de revisitá-lo, pois consiste em mais um exercício de articulação entre antigos e novos trabalhos, ou, nas palavras da autora: "a narrativa do reencontro que sempre se estabelece quando folheamos cadernos, arrumamos e rearrumamos trabalhos mais antigos" (Jardim, 2021).

Esse reencontro leva a que quem se pauta por uma inquieta e diversificada indagação se confronte com o estado da questão. Este processo realça a fluidez das fronteiras temporais, retomando tópicos e peças, reformulando-os, criando novas formas de aproximá-los e mostrá-los. Trata-se de uma poética de repetição com variações, que o experimentalismo tanto utilizou, e que a autora consciente, consistente e sinteticamente formula deste modo (Jardim, 2021):

> E há repetências consentidas: as portas abertas entre a literatura e as artes plásticas; a poesia visual, experimental como toda a poesia; a natureza e a insustentabilidade errática da humanidade; a infância e ilha profunda; um pé na terra outro na água; a casa e a pele, o amor e os espelhos; a escrita e a reescrita; o desenho e o avesso performático do corpo; os livros, sempre os livros.
> De agora em diante e para trás, sempre o poema, inacabado.

As "portas abertas entre a literatura e as artes plásticas" concretizam-se numa fluidez de fronteiras entre géneros, pondo a pintura, o desenho, a fotografia, em pé de igualdade com a palavra objectualizada e procurando a instalação das peças em situação de *site-specificity*. Já em exposições anteriores se vinha acentuando a diversidade de soluções plásticas a que recorre a autora. Lembremos, para cingir-nos a duas individuais mais recentes, *Alguns poemas dispersos e uma parede* só para mim, 2011, no Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Fortaleza de S. Tiago e *Este Poema*, na Casa das Mudas, em 2019.

Para sublinhar a fluidez entre géneros, vamos, paradoxalmente, tentar seguir uma sequência herdada na divisão tradicional destes, sem perder de vista que nada se apresenta em estado puro. Há três peças que são mais do âmbito da pintura. Comecemos então por uma pintura-objecto, dividida a meio por um fecho-*éclair* entreaberto de onde saem letras vermelhas: "coração" ou cor/ação (Fig.1). Cada lado da composição tem um padrão e uma dominante cromática diferentes, na esquerda peixes amarelos sobre azul e, no lado direito, em tons de rosa, rostos não individualizados e apinhados, padrões esses também presentes nos bancos, como adiante veremos. "Mulher que mostra a língua" recorre ao mesmo padrão de rostos que se sobrepõe à complexidade de linhas dos moldes de tecido da revista *Burda*. Sobre esta tela assenta um tronco seco algo serpentiforme que estabelece uma passagem para o poema "mulher que mostra a língua" (Fig. 2) colocado à direita. Sublinhamos um excerto dele: "com raminhos secos atear o lume às palavras / escrever o crepitar das labaredas vermelhas / o som que o lume faz / de dentro para fora dos dedos que escrevem / e libertam as mãos / e libertam o corpo / e libertam uma coisa da outra" (Jardim, 2016: 90). Uma técnica mista sobre tela (Fig. 3 e 3a), propositadamente colocada entre dois desenhos, é uma quase paisagem, sugerida pelo padrão de rostos, por uma espécie de montanha definida por uma densa e torrencial escrita caligráfica a lápis. Na parte superior da composição, um grafismo de traços verticais vigorosamente traçados impõe uma inquietante escuridão. Os bancos estofados com tela pintada, que vêm sendo utlizados pela autora há muito, são lugares de estar que convidam a sentar-se, em jeito iconoclasta, sobre a pintura ou o desenho.

Nos desenhos, é inevitável evocar Ana Hatherly, tanto na sua prática, como na sua teorização acerca da legibilidade e da ilegibilidade do texto e do gesto

caligráfico:

> Com essa tentativa experimentava, por um lado, alargar o campo de leitura para fora da literalidade; por outro, alargar o campo de pesquisa das formas; por outro ainda, alargar o campo criador da própria escrita, metafórica e factualmente, pois que chamando a atenção para a escrita como desenho ou pintura de signos (tornando-a ilegível para desalojar do hábito da leitura conteudística) estava tentando restituir à escrita à sua força original, semiótica, icónica, autonomamente semântica. (Hatherly, 1975: 22-23).

Imbuídos deste pendor caligráfico, os desenhos de Teresa Jardim são uma espécie de escrita omnipresente que tudo invade. Num deles, de um fundo dado por uma cerrada acumulação de traçados circulares, destacam-se as letras de "acorda-me" e quatro letras desalinhadas que podem ser de "sono" ou de um fragmentário "o" "nos" (Fig. 4). O desenho mescla-se muitas vezes com a pintura, ou com a colagem, ou com os objectos. Veja-se a peça onde surge, no vazio dos moldes de letras de caixote, a(s) palavra(s) POE **MAS**, sobre um fundo de moldes de roupa da revista *Burda*. Ou a peça, colocada junto a esta, que tem, sobre um fundo idêntico, um livro colado onde se lê a interpelante expressão A SÓS CONTIGO. E perante um livro ou um quadro estamos a sós, como o autor esteve no momento da elaboração...

A visualidade dada às palavras por Teresa Jardim, filiada na estimulante prática do experimentalismo, sobretudo na sua vertente visual, corporiza-se pela incorporação de poemas em desenhos e pinturas; pela objectualização do texto na verticalidade da parede para ser lido/visto como quadro; pela presença de livros, a fazer sentir bem a diferença entre a intimidade da leitura em livro e o texto objectualizado; e ainda pela pela criação de poemas-objeto.

A incorporação de poemas em desenhos e pinturas e a presença de livros percorre toda a instalação e, como tal, vem sendo abordada caso a caso ao longo deste texto. Atardemo-nos então nos poemas-objeto, lembrando a definição de André Breton: o poema-objecto é uma composição que tende a combinar os recursos da poesia e da plástica e a especular sobre o seu poder de exaltação mútua, Pascaline Mourier-Casile salienta que esta estratégia põe em causa a especificidade

da linguagem poética, assim como consegue desorientar a sensação [dépayser la sensation] (Mourier-Casile, 1992). Acrescentamos que também a especificidade da linguagem plástica fica comprometida e é justamente da estranheza resultante desta tensão entre o objecto e a palavra que surgem novas leituras e associações. É esta situação que podemos experienciar com algumas das peças desta exposição que reutilizam uma mala de viagem, um carro de transporte ou um televisor.

As malas de viagem são presença recorrente nos trabalhos de Teresa Jardim, sempre com circunstâncias e significados divergentes, caso de " O céu e o mar" (*Alguns poemas dispersos e uma parede só para mim*, 2011), ou de *Este poema*, (MUDAS, 2019). Nesta mostra trata-se de uma mala fechada com a palavra "amor", escrita a néon azul colocada no chão, num vão de porta, encimada pelo poema "A casa é esta".

O carrinho de transporte está carregado de resmas de papel atadas a um livro aberto com o poema "Fazer e desfazer"[1]: "Não gosto de fazer malas / de viagem, não gosto de desfazer / abraços, retirar / todos os anzóis pode demorar / a vida / um instante." (Jardim, 2016: 90) (Fig. 5). Colocado perto da mala alarga as possíveis leituras de ambas as peças.

"Facto" (Fig. 6) transforma o poema "Factos" (Jardim, 2010: 16) num poema-objecto aplicado numa televisão branca, de modelo antigo, colocada sobre um banco com grafismo riscado a preto e branco. O objecto obsoleto que interage com a frase: no exterior lê-se "FACTO" seguido de "Por exemplo: ainda" e no écrã "durmo na mesma cama onde nasci". Em pano de fundo desta frase vê-se o "arroz" das antigas televisões a preto e branco e há uma risca mais luminosa a interferir com a leitura.

Se os livros, os textos e as resmas de papel branco nos levam para as paisagens mentais, interiores, da autora, as fotografias em locais da ilha acrescentam-lhes o cenário, os lugares onde tudo acontece. Neles se dá a ver a performatividade do corpo, enquanto sujeito da acção e enquanto objecto de contemplação. O corpo que caminha pela estrada carregando resmas de papel, o corpo que repousa, numa alusão aos tempos de pousio próprios do processo criativo, esses tempos fulcrais de

1 Poema utilizado em 2019, colocado na parede junto a uma mala de viagem onde se lia "Este poema" , na exposição do mesmo nome.

decantação entre o sono e o sonho. O mar e a montanha são presença relevante, a marca da ligação com o lugar onde nasce e vive Teresa Jardim. O poema "Revelação" está colocado junto a duas fotografias de montanhas enevoadas onde numa delas se lê: "Esta carta abre o teu rosto ~~abre o meu rosto~~[2]" e na outra "Esta carta teima em não abrir, talvez a chuva" (Fig. 7). Estamos perante lugares distantes e isolados, como comprova a existência de cartas, lugares que, no entanto, se revelam a quem se neles detém, como diz o referido poema: "Olho o mar (como me explicas) / aprendo a respirar a paisagem / a cada toma de ar."

Ouves a água?, título de trabalhos anteriores[3] que se vão metamorfoseando noutros, é uma frase escrita na parede, em espelho, um convite às *selfies* tão a gosto da faixa etária dos alunos da escola onde se situa a galeria. Ora o espelho, embora neste caso fisicamente ausente, é recorrente no trabalho de Teresa Jardim. Veja-se o que escolheu para epígrafe da folha de sala de *Dar a palavra*:

> Depois de algum tempo, resolvi folhear alguns dos meus cadernos de esboços. Senti então como se uma espécie de esperança voltasse a despertar dentro de mim. Por acaso olhei para a minha imagem refletida na vidraça, e comecei a analisar aquele que retribuía ao meu olhar. (Paul Klee, 12/12/1897).

Estamos perante o recurso ao espelho como atitude introspectiva, mas atenção:

> O processo que consiste em fazer de um sujeito um objecto, de um interior um exterior, desfigura o rosto, altera a semelhança, e essa deformação é a condição de todo o olhar sobre si: seria preciso ver-se sem se olhar, surpreender-se quando menos se espera, tornando-se um estranho relativamente a si próprio, a verdade capta-se na esfera da alteridade, mas é então que a estranheza se converte em ameaça.

2 "abre o meu rosto" está rasurado e quase ilegível na peça.

3 Instalação com espelho no chão, rodeado de resmas de papel sobre as quais assentavam livros de poesia abertos, apresentada na exposição colectiva *Persona*, Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal, 2018 e na individual *Este poema*, MUDAS-Museu de Arte Contemporânea, Calheta, 2019.

(Melchior-Bonnet, 1916: 366).

Sob a frase *Ouves a água?* uma fotografia da autora, em repouso numa estrada de berma florida, assenta sobre um muro de resmas de papel (Fig. 8). A um canto algumas pedras seguram três poemas curtos, que estabelecem a ligação com os restantes elementos, o papel, a terra que é chão, a água que corre nas levadas:

Bosque de papel
Escuto o bosque
de papel – de árvore em árvore
um coro de anjos entoa o silêncio.

Terra que é chão
O mais que me resta
sabe a terra (a da infância); a terra
que é chão, agora branco papel.

(antes, ainda)
A água sinuosa
corre pelas levadas, corre
apoucando a voz pela noite dentro.

Recapitulando algumas facetas do idiolecto de Teresa Jardim, encontramos motivos recorrentes como os livros, as folhas de papel em branco, os espelhos, os padrões, as caligrafias, as paisagens, os objectos desviados da sua quotidianidade e funcionalidade, os textos à solta, como convém a palavras rebeldes "à procura do mais pequeno pretexto para se amotinar" (Hatherly, 3002: 10). A articulação dos elementos passa pelo hibridismo, pela ambiguidade, pela repetição, pela combinatória, pelas relações metafóricas e metonímicas, por conexões inesperadas conducentes à transfiguração do literal. Note-se que esta preferência pelo curto-circuito se sente, também, na própria forma de cortar os versos dos seus poemas, à revelia da sintaxe, abrindo-os a outras leituras.

Em suma, ao longo do percurso de Teresa Jardim, encontramos um discurso multiforme em que linguagens e estratégias distintas coexistem sem hierarquias

nem fronteiras, evidenciando a intermedialidade da sua atitude comunicacional. O que dá unidade a esta multiplicidade de recursos expressivos? Tal como acontece com diferentes géneros literários de um autor, eles comungam de uma mesma fonte, como nota Foucault a propósito de uma das especificações possíveis da função sujeito, que ele explica como:

> o princípio de uma certa unidade de escrita, pelo que todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. O autor é ainda aquilo que permite ultrapassar as contradições que podem manifestar-se numa série de textos: deve haver — a um certo nível do seu pensamento e do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente – um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis se encaixem finalmente uns nos outros ou se organizam em torno de uma contradição fundamental ou originária. Em suma, o autor é uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc.. (Foucault, 1995: 53-54).

Esse foco de expressão sublinhado por Foucault cria uma espécie de rima que, através da disparidade das peças, vai tecendo conexões, marcando ritmos, recuperando uma respiração própria da autora que escapa a catalogações e escolhe a liberdade do polimorfismo.

Cada exposição é tanto num ponto de chegada como num ponto de partida, ou seja, remete-nos à consciência da inevitável incompletude em que nos movemos. Na diversidade de *topoi*, de recursos materiais e metodológicos patentes no trabalho de Teresa Jardim, é o próprio processo criativo que nos é dado ver, na sua permanente indagação, na sua impossível conclusão definitiva. E ver, seja para um autor, seja para para todos nós, é algo que não se esgota no momento de uma exposição, é uma tarefa para toda a vida.

LEGENDAS DAS FIGURAS

Fig. 1 - "Cor/acção", pintura-objecto, 2016/2021, acrílico sobre tela (agrafada em estrutura de madeira), fecho de correr e letras em relevo (tipo eva) pintadas, 30 x 40 cm.
Foto: Teresa Jardim.

Fig. 2 - "Mulher que mostra a língua", 2019, acrílico sobre tela e assemblagem, 85 x 70 cm.
Foto: Teresa Jardim.

Fig. 3 - "Poema encontrado" (série), desenho a grafite e colagem sobre tela, 2019, 100 x 100 cm. Conjunto e pormenor.
Fotos: Teresa Jardim e Isabel Santa Clara.

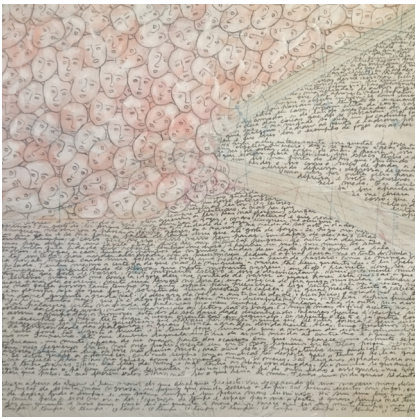

Fig. 3a - "Poema encontrado" (série), desenho a grafite e colagem sobre tela, 2019, 100 x 100 cm. Conjunto e pormenor.
Fotos: Teresa Jardim e Isabel Santa Clara.

Fig. 4 - "Poema encontrado" (série), desenho a grafite e colagem sobre tela (pormenor), 2019, 70 x 100 cm.
Foto: Catarina Pestana.

Fig. 5 - Poema-objecto, carrinho para bagagem, duas resmas de papel e a revista "Telhados de vidro" aberta pp. 90-91, 2021, dimensões variáveis.
Foto: Teresa Jardim.

Fig.6 - "Facto". Poema-objecto, poema recortado em vinil aplicado a televisor, sobre suporte cadeira, com desenho a grafite sobre tela, 2021, dimensões variáveis.
Foto: Teresa Jardim.

Fig. 7 - Fotografia manipulada com intevenção (texto) digital, 30 x 40 cm.
Foto: Teresa Jardim.

Fig. 8 - Instalação com fotografia sobre alumínio, 90 x 130 cm, 36 resmas de papel branco, 3 poemas impressos sobre papel e pedras recolhidas no Funchal, Câmara de Lobos e em Ponta Delgada. Texto (negativo), desenhado a pó de grafite sobre a parede
Foto: Teresa Jardim.

BIBLIOGRAFIA

Bergez, Daniel, 2009, *Littérature et Peinture*, 3ª éd., Paris, Armand Colin.

Foucault, Michel, 1995, *O que é um autor?*, Lisboa, Vega.

Hatherly, Ana, 1975, *A reinvenção da leitura*, Lisboa, Editorial Futura.

Hatherly, Ana, 2, 003, *O pavão negro*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Melchior-Bonnet, Sabine, 1916, *História do espelho, Lisboa*, Orfeu Negro.

Mourier-Casile Pascaline, 1992, "Le poème-objet ou « l'exaltation réciproque »" *in La Licorne, Lisible / visible : problématiques*, Université de Poitiers, *in* https://licorne.edel.univ-poitiers.fr/index.php?id=3488#ftn2 (consultado em 20 de Janeiro de 2021).

Salgueiro, Ana, 2017, "Teresa M. G. Jardim em Vértice. Notas de Leitura" *in Translocal - Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*, nº 1, out.-dez, *in* http://translocal.cm-funchal.pt/wp-content/uploads/2017/12/Teresa_Jardim_em_VERTICE.docx.pdf (consultado em 20 de Janeiro de 2021).

Sousa, Carlos Mendes de & Ribeiro, Eunice, 2004, *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa. Anos 60-Anos 80*, Coimbra, Angelus Novus.

Torres, Rui, 2014, "Visualidade e expressividade material na poesia experimental

portuguesa" *in Poesia Experimental Portuguesa: Contextos, ensaios, entrevistas, metodologias*. Ed. Rui Torres, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp. 9-31.

Catálogos (selecção):

Eu vivo aqui, 2001, Funchal, Galeria da Secretaria Regional de Turismo e Cultura.
Semear ainda compensa?, 2007, Exposição de Artes Plásticas de Teresa Jardim e Domingas Pita, Casa da Cultura de Câmara de Lobos.
Conceito Estreito, 2009, Centro Cívico e Cultural do Estreito de Câmara de Lobos.
Hortus Deliciarum, 2010, Salão Nobre do Teatro Municipal do Funchal.
Alguns poemas dispersos e uma parede só para mim, 2011, Museu de Arte Contemporânea do Funchal/Fortaleza de S. Tiago.
Persona, 2017, Teatro Municipal Baltazar Dias.

Bibliografia activa (selecção)

Jardim, Teresa, 1993, *Anjos de areia*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
Jardim, Teresa, 2010, *Jogos radicais*, Lisboa, Assírio & Alvim.
Jardim, Teresa, 2016, "Fazer e desfazer" *in Telhados de vidro*, Averno, n.º 21.
Jardim, Teresa, 2019, *Ao nível do olhar*, exposição colectiva, Casa da Cultura de Santa Cruz [Folha de sala].
Jardim, Teresa, 2021, *Dar a Palavra - Folha de sala*, Galeria Espaçomar, policopiado.